

# EDITORIAL

Eis aqui o segundo número da revista *Das Questões*. Ela congrega contribuições sobre a gula, a digestão, a ingestão, o apetite, a devoração, a mastigação e o de comer. A revista, dedicada a morder questões sem hífen, vírgulas ou cesuras, se debruça sobre quem e o que alimenta o que e quem. A pergunta pelo jantar e Helga Müller, em seu *Anjo da Fome*, descreve a ausência de comida como uma deformação e a fome mesma é uma forma mesmo de olhar para qualquer fundamento com uma falta de sustento é um chamariz de aflições: não há comida que não seja, ou não tenha sido, outra coisa. O drama da existência de Ivaluardjuk é precisar comer e desconfiar que tudo o que se ingere é engolido em camuflagem. É que servir o alimento assim como engoli-lo são formas de tradução e portanto de um jogo perigoso de perdas e ganhos.

Como se transforma o mundo exterior em alguma coisa comível? Os povos do baixo Amazonas chamados por Philippe Descola de animistas entendem que tudo come e será comido. Nos termos do perspectivismo, que Eduardo Viveiros de Castro e Tania Stolze Lima encontram entre os povos da mesma área, para a comida quem come muitas vezes também é comida. Que ética, ou antes que diplomacia, rege um regime alimentar? Para os Modernos, todo não-humano é recurso alimentar. E eis a fronteira: o humano é aquilo que está protegido da *grande bouffe* e, de fato, seu corpo lacrado na terra fica dedicado prioritariamente à microbiota que o deglute, aquela mesma que compartilha de perto as manivelas dos dispositivos que fazem dos humanos humanos. Talvez como consequência de se separarem do fluxo alimentar, os Modernos tiveram que tomar a natureza indiferente a qualquer negociação diplomática.

Este segundo número da Revista é dedicada a sustentar a tonalidade das questões está focado na deglutição. A conexão entre compreender e deglutir antropofágica é explorada de algumas diferentes maneiras. Depois dos fragmentos culinários e etológicos do Coletivo Indigestão e de Lucia Garrido, alguns ensaios abordam a antropofagia (Alexandre Nodari e Filipe Ceppas), a digestão como experiência de um outro (Denise Paiva Agostinho), a comida ritual do candomblé (Wanderson Flor do Nascimento), a pele que cobre a pele (Lorraine Oliveira) e os frutos do conhecimento e alguns mistérios destravados pela ingestão transformadora da consciência (Lucas Kaeté). A Revista se encerra com dois manifestos, de Claudio de Moraes Maia e Leonardo Ortegá, que invocam as aporias éticas da trama nutricional: a questão mortal.